

A BORBOLETA

09 DE DEZEMBRO
DE 1860

A BORBOLETA.

JORNAL RECREATIVO, JOVIAL E POETICO.

1860. Domingo 9 de Dezembro N. 10.

A BORBOLETA publica-se todos os domingos, e impõe-se na Typographia da rua da Praça dos Lins. A sua almanaque será de 800 rs. mensais, e o seu fim é o de distrair as belas jovens e os amavelz leitores.

A BORBOLETA.

OITO DE DEZEMBRO.

Tota pulchra es Maria

Em todos os tempos desde o sacrifício do olgôtho, quando o sangue do Cordeiro imaculado regou a terra para libertar as Nações o horrivel captivoiro, a que ficaram subjetos, em consequencia do erro dos nossos antepassados para a Virgem de Nazaré tem sido dorada como Mai de Deus e dos homens, e o Auxilio dos cristãos, Rainha dos Anjos e os Santos.

Nem era possível que Aquella, que foi desmendada para receber em seu seio o Filho de Deus, cuja missão foi salvar o gênero humano, não recebesse dos povos esse culto cheio de amor, de alegria e consolação.

Nenhum christão verdadeiro ha que o despetir o melifluo e sancto nome de — MARIA — não senta enlevar-se o coração or um doce arroubo que parece elevar-o o mundo para o collocar junto dos Anjos que A cercam, e no lado da Jesus de quem também ella é Mai.

Oh ! quanto é lindo, quanto é doce o nome de Maria ! Elle consola os afflictos, cura os enfermos, a todos alegra ! . . .

Alinda hoje nos nossos sertões o dia 8 de Dezembro é festejado com tão santo entusiasmo que os povos parecem como que encantados de amor e veneração por Aquella a quem com ternura elles chamam — MÃE ANTÍSSIMA —

Alli o pobre e o rico, o escravo e o senhor, todos repetem segundo a sua linguagem rústica com devação fervorosa, e quasi que n delírio — Tota pulchra es, Maria.

E' este o remate da festa.

Muito conviria que as nossas cidades aceitassem este exemplo balsâmico, de tantas gratas consolações, que nos oferecem os, em cujo seio ainda não chegam.

Centenas de milhares de gente da cidade e do interior, porém, vemos o contrario: culto da Virgem tal qual é feito nos nossos países, bello e edificante, passa entre nós como ideia retrograda ! Misericórdia da humanidade ! . . .

D'elles se compõe logo o Filho de Maria, e a Deus conceda que morramos na crença que temos no berço.



Como é doce, como é bello
Este nome de MARIA ! . . .
E' o nome d'uma joven
A quem visto sympathia,

E' o nome qu'a meus sonhos
Traz prazer e alegria,
E' o nome que mais amo
Este nome de MARIA.

Quando eu vejo é o nome
Que me vem a fantasia,
Quando dormo leio em sonhos
Este nome de MARIA

Assim dormindo ou velando
Sempre sinto alegria,
Quando ouço murmurar
Este nome de MARIA.

Alem desto jamais outro
Inspiro-me sympathia,
Não m'alegra outro nome,
Que não seja o de MARIA.

Como é bello, como é doce,
Como causa alegria
A quem ouve decantar
Este nome de MARIA

— *Amor, que é que tens?*

— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu.*

— *Amor, que é que tens?*

— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu.*

— *Amor, que é que tens?*

— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu.*

— *Amor, que é que tens?*

— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu,*
— *Um amor que é meu.*

— *Amor, que é que tens?*

M. B.

A BORBOLETINHA.

E' este, amáveis leitoras, o título que entendemos dar ao nosso artigo, para satisfaçmo o nosso compromisso, constante do numero passado.

A Borboletinha, como já dissemos, nada mais conterá que notícias *sul generis*.

O saudoso e magnanimo dia 2 de Dezembro elizmente por esta vez não nos passou desapercebido, como temos visto em alguns an-

úncios, que publicaram os jornais da capital, para descreverem a sua morte, que se sucedeu sem grande dureza, e que se considera que o seu falecimento deve ter sido devido a uma compreensão entre os amigos que o acompanhavam, quando se dirigiu ao seu lar, e que o seu falecimento deve ter sido devido a uma compreensão entre os amigos que o acompanhavam.

Na noite de ontem Mal que não entra no dia, o Sr. Burgos, juntamente com outros amigos, despediu-se da sua casa, não deixando de apresentar as lembranças de um a do outro.

Mal nem pôr seu, seus amigos, voltaram de volta, e ele saíram para obterem uma quadriga na primeira partida do clube dos amigos.

Não obstante parecer haver esta falta de convicção, nem por isso nos devemos descontentar, por que tanto é parte a festa a natureza da amizade leitoras, e desejarmos em os amiguitos da capital, que, apesar de não serem tão amados e deliciosos, todavia não perdem de prodigalizar-nos o mesmo agrado, como dantes.

Ora por faltarmos em festas, que das amáveis leitoras se dignara nos enviares? não precisará muito incomodo, basta um bolinho, não de palmatoria, mas garrafas do bom champaña, & a todo o miss que a generosidade das amáveis leitoras proibir: lá por isso não nos arrefaremos.

Quase amigo Burgos pode receber-as, nos autorizamos.

Temos por hoje satisfeita o nosso compromisso, e não nos entendemos mais por que não temos matéria para nos ocupar, o isto de escrever sem ter assunto não é lá das melhores pechinchas; e ainda porque não somos dotados de palavras que caudem admiração.

*Paltão-nos cobres
Dos Assignates
Em sua paga
Sejão constantes.*

Au revoir.

Impresso por José Emiliano M. de Burgos na Typ. LIBERAL PARANHABA. — 1861.